

Produção e Circulação de saberes médicos e práticas científicas entre a América e a Europa no século XVIII: uma análise da *Materia Médica Misionera* do Ir. Pedro de Montenegro SJ. (1710)

PROF^a DR^a ELIANE CRISTINA DECKMANN FLECK*

A obra *Matéria Médica Misionera* do irmão jesuíta Pedro Montenegro foi produzida no início do século XVIII, momento marcado tanto pelos avanços científicos, quanto pela manutenção da influência exercida pela astrologia e pela Igreja nas concepções de saúde e de doença. De acordo com Furlong, Montenegro nasceu na Galícia, em maio de 1663 e, ainda jovem – provavelmente, em 1679 –, iniciou seus estudos de medicina no “*Hospital General de Madrid*”, tendo ingressado na Companhia de Jesus em abril de 1691.¹ No Catálogo da Província do ano de 1703, consta que o irmão Montenegro “[...] *había hecho los últimos votos el 25 de abril de 1703, que se allaba en las Misiones del Rio Paraná, que sus fuerzas físicas eran ‘débiles’ y su oficio era el de cirujano (Chirurgus)*” (FURLONG, 1947: 67).

Escrita no ano de 1710, o tratado tem 458 páginas, além de 148 desenhos de plantas feitos à mão. O frontispício conta com uma imagem de Nossa Senhora das Dores, padroeira dos doentes. A primeira publicação foi feita por Manuel Ricardo Trelles, nos anos 40 do século XX, encontrando-se também em versão digital na *Biblioteca Virtual del Paraguay*. O exemplar que utilizamos neste artigo, porém, é um manuscrito do ano de 1790, disponível no Acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas da Unisinos², que não conta com os desenhos presentes no original, e que, ao que tudo indica, foi copiado por uma pessoa pouco letrada, haja vista as incorreções gramaticais.

* Doutora em História pela PUCRS, de Porto Alegre, RS e Professora da Graduação e da Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS. Esta comunicação constitui-se em resultado do Projeto de pesquisa *Medicina e Missão na América meridional: Epidemias, saberes e práticas de cura (séculos XVII e XVIII)*, que conta com o apoio do CNPq e do FAPERGS.

¹ De acordo com Guillermo Furlong, o irmão Pedro de Montenegro teria sido um exímio médico e autor inquestionável do *Recetario Medico* e do *Libro de Cirugía*, este último equivocadamente atribuído ao padre franciscano Pacheco.

² No exemplar manuscrito que consultamos no IAP há uma breve observação feita pelo antropólogo e historiador Bartomeu Melià: “*El presente manuscrito parece ser de la época y está escrito por quien no domina la lengua castellana, y assi podría ser un índio misionero.*” (MELIÀ, 1986)

O livro está dividido em cinco capítulos, sendo as três primeiras partes direcionadas às nomenclaturas e propriedades das plantas, às orientações quanto ao tempo certo para seu recolhimento e as suas virtudes. O quarto capítulo apresenta quais as enfermidades que podiam ser curadas por determinadas ervas, raízes e cascas. Acredita-se que a quinta parte, intitulada “*Otras curiosidades e recetas útiles*”, não foi escrita por Montenegro.³

Sobre práticas curativas e evidências de circulação de conhecimento

Apesar de uma relutância inicial dos europeus em relação às concepções de saúde e de doença e às terapêuticas curativas empregadas pelas populações nativas, esta foi sendo gradativamente superada à medida que tanto os colonizadores, quanto os missionários passaram a empregar os recursos disponíveis na natureza americana no tratamento de doenças:

A falta de recursos curativos e o medo da morte estimularam o desenvolvimento de um receituário, cujos componentes principais estavam sempre disponíveis, perto das pessoas. Ingredientes oferecidos pela natureza, dotados de atributos singulares nas curas de variadas enfermidades, foram amplamente difundidos. (RIBEIRO, 1997: 70)

A precariedade com que era realizado o transporte e as condições em que chegavam os medicamentos vindos da Europa, além do baixo número de médicos que se encontravam na América também motivaram os jesuítas a conhecerem melhor a flora americana e suas possíveis utilidades no atendimento dos enfermos:

“[...] en estas tierras de la America sin Botica ni boticarios me bi desaviado con ellas a ser autor de Botica confeccionando unas con otras qual se puede ver en sus tratados (ilegível) lo qual tepido q.º sien algo (ilegível) yerro me disculpa en parte porque no siendo de mi estado el escribir libros con nuebo modo de composissiones, y descubrimiento de estraños y peregrinos simples en estas partes puedes estar sierto

³ A divisão do manuscrito não parece seguir aquela citada por Furlong. O texto parecer ser o mesmo mencionado por Heloísa Gesteira em artigo de 2004, com exceção do título. O manuscrito encontrado por Gesteira na Biblioteca Nacional se intitula *Curiosidad de un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay, 1580*, e é por ela atribuído a autor desconhecido: “A estrutura do texto é muito próxima a de uma obra editada. No formato de um livro, o manuscrito está organizado nas seguintes partes: dedicatória, prólogo ao leitor, advertências ao leitor, descrições das plantas acompanhadas de seus usos, e um índice que traz o nome das espécies descritas em espanhol, tupi e guarani” (GESTEIRA, 2004: 87).

me muebe mas la caridad de hacer bien a mis hermanos q.e la ambicion de autor de un libro [...] (MONTENEGRO, [1710], 1790: Prólogo)⁴

Como nos mostra Montenegro no trecho a seguir, as propriedades da *batatilla* lhe teriam sido repassadas por um índio cristão de nome Clemente, o que o levou a dar crédito à informação:

Ussanla algunos Indios para camaras de sangre assi per bebidas como per ayudas, nose con que buenos susezos, o malos solo di algun credito auno capas e buen Christiano llamado Clemente [...] que me aseguro era buena y eficas medicina y assi no dudo seran las camaras per una de dos causas opor indigestion grave o cosa asentada en el estomago, o por lombrices, o por gujanos que en estas causas le hallo puede ser eficas. (MONTENEGRO [1710], 1790: 140)

A constante incorporação da farmacopéia indígena – como evidenciado no consumo da ipecacuanha na Europa e na Ásia – aponta não apenas para a circulação de mercadorias e pessoas, mas também

[...] de hábitos e idéias. Na área médica, a troca de técnicas e conhecimentos ocorreu de modo muito ativo. De um lado para outro, transportavam-se ingredientes que futuramente fariam parte de apreciadas composições farmacêuticas. A mais destes gêneros, destinados ao preparo das poções, eram conduzidas técnicas, modos de compor e as crenças que esta arte normalmente envolvia. (RIBEIRO, 1997: 56-57)

A *Matéria Médica Misioneira* nos oferece indicações dessa circulação, como o *bálsamo de copayba*, que era indicado no tratamento de feridas: “*El balsamo de copaiba es oy mui conocido y usado por toda la Europa, Africa y America, y con grande estima y subido precio en el Japon y China segun estoi informado a causa de sus admirables virtudes*” (MONTENEGRO [1710], 1790: 11). O fato de o autor afirmar ter conhecimento de que o preço da *copayba* era elevado no Japão e na China, mostra que havia na América meridional – e nas (e entre as) missões jesuíticas – relativamente isoladas geograficamente –, uma contínua circulação de informações e ideias.

No que tange ao conhecimento médico, isso não era diferente, pois além dos autores clássicos referidos na obra, Montenegro informa que, apesar de uma relativa demora, haviam

⁴ No texto da *Aprobacion* do Tratado de Ayala, que foi redigido pelo Frei Juan Maestro, também encontramos menção à caridade como o sentimento que movia boticários e médicos a registrar as experiências com plantas medicinais: “*manifiesta su mucho estudio, y experiencia, movido mas de la caridad, que por hazer ostentacion de lo que sabe*” (AYALA, 1705: 2).

4

chegado até ele as obras de Guillermo Piso e Jacobo Bonti. Em relação a Piso, sabe-se que escreveu durante sua permanência no Nordeste brasileiro, em meados do século XVII, o que significa dizer que sua obra chegou às mãos de Montenegro passado mais de meio século: “[...] *llego a mis manos las obras de Guillermo Pison, y Jacobo Bonti q.^e escribieron en el Bracil (ñ) en varias Plantas con los nombres de estas tierras [...]*”. Deve-se, contudo, considerar que a circulação destas obras era também prejudicada – o que poderia retardar a sua consulta e aplicação – pela ação da censura exercida pelo Santo Ofício, especialmente, sobre obras escritas por protestantes, como parece ter sido o caso:

Muchos años he andado para descubrir esta tan noble rais y escogida despues quebisu dibujo en las obras de Menardes y guerta, pero pasados dies y ocho años, de inquicicion llegando a mis manos las obras de guillermo pison, y las de jacobo Bonti ynformado mejor de sus circustancias [...]. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 96)

Aliás, as concepções de cura presentes na obra de Piso podem ser encontradas na *Materia Médica Misioneira*, na medida em que as drogas de caráter purgativo, somadas às sangrias, constituíam “a essência dos cuidados médicos” e visavam, através dos efeitos “revulsivos ou catárticos”, a possibilitar ao corpo que expulsasse a doença através do sangue, fezes ou vômito.

Outra característica marcante da atuação deste irmão jesuíta foi sua capacidade de observação da natureza. Tanto o regime dos ventos e das águas, quanto os costumes dos índios – e também dos animais – foram cuidadosamente observados⁵, como se depreende do trecho em que ele descreve as virtudes do *ceibo*:

[...] y esse remedio ussa muchas veses al tigre para refrigerar el ardor de sus uñas embenenadas de gran calor y humedad el qual subiendo a el arana su cortesa profundamente hasta el mismo pala dejandola como zapato (ilegível), con lo qual se refresca y queda muy ligero para sus caserías y pescas [...]. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 55)

⁵ Mas não apenas o conhecimento das propriedades curativas oferecidas pela natureza – sobretudo, da botânica americana – existente no entorno das missões interessava aos missionários jesuítas, preocupados em contornar os efeitos das epidemias, como se por depreender da preocupação que tinham com a instalação dos *pueblos* em áreas que garantiriam a saúde dos indígenas. No século XVIII, os missionários continuaram observando as Instruções definidas pelo Provincial Diego de Torres Bollo, em 1610, procurando instalar as reduções longe da umidade danosa dos pântanos, para que pudessem desfrutar de ar mais puro, fugir dos mosquitos, sapos e víboras e contar com boas águas para beber, lavar-se e banhar-se, erguendo-as próximos a bosques, seguindo a orientação sul, o que favorecia os ventos frescos tão necessários nesta terra de tantos calores.

O Tratado escrito pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro apresenta nítida influência das concepções hipocrático-galênicas⁶, e que ficam bem evidentes na afirmação que faz ao encerrar o Prólogo: “*Esto de curar consiste en cierta qualidad, cierta cantidad, y cierto modo de aplicaciõ, q.e entre razones como Phylosofo y Principe de la Medicina lo encierra todo.*” (MONTENEGRO, [1710], 1790: Prólogo).⁷

Apesar das constantes referências a autores clássicos da Medicina, como Galeno e Avicena, Montenegro faz especial menção a Dioscórides, que trabalhou com plantas e escreveu a importante obra *De Materia médica*. Alguns de seus editores e comentadores do século XVI, como Mathiolo Senense e Andrés Laguna, são igualmente citados por Montenegro. Isto parece explicar porque, ao escrever sobre as qualidades encontradas nas plantas, o irmão jesuíta tenha recorrido a explicações dadas por Dioscórides e Mathiolo: “*Quatro son las qualidades calor, humedad, frialdad e sequedad, en cada una de estas se cuentan quatro grados, y los simples de q.^e se trata en este libro tienen de estas qualidades y sus grados en ellas*” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: Advertências Necessárias). Em relação aos procedimentos que deveriam ser adotados para o reconhecimento das qualidades de cada planta, ele complementa: “*Las qualidades actuales de calor, humedad, frialdad o sequedad, se dissiernen, o conocen por el tacto, cujo principal instrumento es el cuerecito interior de los dedos siendo en medio de todos los excessos constituído*” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: Advertências Necessárias). Outro fator importante para a identificação das utilidades das plantas era o sabor – que teria relação direta com as qualidades acima referidas –, pressuposto, aliás, também observado e defendido pelo coetâneo Geronimo de Ayala, e que pode ser observado na *Materia Medica Misioneira*:

Conocen se también las virtudes potenciales de las medicinas o simples por los sabores, que (ilegível) el gusto los cuales por una mescla delas quatro cualidades primas son engendradas; de donde nacen que a los elementos puros, y

⁶ Segundo estas concepções, o corpo é regido por quatro humores básicos; o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra que, por sua vez, guardam relação direta com os quatro elementos; fogo, água, ar e terra e suas qualidades de seco, úmido, quente e frio. A doença, consequentemente, resultaria do desequilíbrio entre desses humores, que deveria ser recuperado através mediante sangrias, purgas e vomitivos.

⁷ A maioria dos Tratados deste período reflete claramente esta concepção hipocrático-galênica, mostrando a força e permanência desta teoria, ainda no século XVIII, como fica exposto nos *Principios de Cirugía* de Ayala: “*Y assi para que hagan sanidad estos humores, han de tener cierta cantidad, y qualidad, y que esten bien templados*” (AYALA, 1705: 6).

simplísimos ningún sabor por no costar [sic] cada uno de ellos sino de dos cualidades. (MONTENEGRO, [1710], 1790: Advertências Necessarias).

Segundo ele, a maioria das plantas apresentava possibilidades de usos diversos, conforme a parte que fosse usada, como a flor, folha, casca ou raiz, ou, então, diferenciava-se a partir do modo de seu preparo, sendo comuns as beberagens, os pós e as folhas para mastigar, entre outros. Entre as plantas de uso diversificado estava a *coniza mayor* que funcionava como uma espécie de pesticida, espantando pulgas, cobras e aranhas, além de ser aplicada como emplasto e ter função purgativa e abortiva:

Machacada e cosida con bino aplicadas alas mordeduras delas serpientes los socorre y cura las heridas con admiracion asside serpientes como de instrumentos o palos assi como el romero de sus flores ojas y cogollos una onsa cosidas en bino y dado a beber quatro onsas de su cosim.to acelera el parto y hace bajar el mestruo retenido; p.a sanar el estilicidio dela orina, los torcijones del biente y la ytericia bebidas con binagre el polvo de las mismas cojas sanan la gota coral, su sumo metido en la boca dela matris purgala [...]. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 136)

Apesar de descrever as qualidades de todas as plantas referidas no tratado, Montenegro apresenta também dúvidas quanto à adequação e à eficácia do uso de algumas, destacando as contradições existentes entre as opiniões de diferentes autores. Além de evidenciarem seu profundo conhecimento, estas observações parecem revelar uma postura crítica do jesuíta em relação a sua indiscriminada aplicação: “*Son los clavos segun Pablo Cgineta odoriferos agudos, y con bastante amargor, calientes y secos en el tercero grad, pero segun la historia de Ethiopia escrita por el padre Manuelte en la cronica de Portugal, es seco en el quarto grado*”. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 6) O mesmo pode ser observado na referência que faz ao *incienso laurel*:

[...] no tengo experiencia de ella por no haverla sacado , espoco mayor dela del ybabiyo ao rayan montano; esta es la que he podido rastrear de este arbol cierto muy medicinal y amigo dela naturaleza humana paraque por aqui pudan otros de mejor ingenio in con el tiempo aberiguando sus virtudes poco a poco por ser tan peligrosas las experiencias delos simples. (MONTENEGRO, [1710], 1790: 27)

Na *Matéria* de Montenegro são constantes as referências às experiências que o irmão jesuíta fazia com plantas, o que, de alguma forma, legitimava e autorizava sua fala⁸, como fica demonstrado na descrição feita sobre o *asaro menor* e sua utilização na cicatrização de feridas:

[...] tengo las por calientes en el segundo grado y secos en el tercero aunq.e halla en la superficial y de sus ojas sierta qualidad fria o templada de suerte que al principio aplicadas alas ericipelas o llagas er(x)icipe latosas las delas piernas repelen en (ilegível) y en parte resuelben como se puede ber por la esperiencia en toda llaga de destemplansa caliente y en las canserosas con dicha destemplansa como lo tengo experimentado, y aberiguado barias veces. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 105)

Essa posição é assumida já no Prólogo da *Matéria Médica Missioneira*, no qual Montenegro afirma que a virtude de uma receita residia na sua aplicação conforme a observância de prescrições, pois

[...] va para 18 años q.º estoi aberiguando sus qualidades segun su graduacion [...] te puedo decir como cosa sierta que desde [ilegível] acuerdo tener uso de rason me siento inclinado [ilegível] de conocer y saver la virtud delas plantas y curar com elas a mi y a mis proximos, y a ellas devo la vida por tres veses, q.º de varias enfermedades y heridas mortales de necesidad; segun varios Autores afirman no ser curables [...] (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: Prólogo).

As receitas, vale lembrar, observavam as unidades de medida vigentes à época, tais como as onças (28,691 gramas), o quartilho (0,665 do litro) e a libra (459 gramas), entre outras, mostrando a importância da precisão.⁹ As recomendações para que a receitas fossem seguidas à risca podem ser encontradas em todo o tratado, como nas advertências de que qualquer mudança na composição das medidas ou então da parte utilizada da planta tornaria a receita perigosa ou causadora de outras doenças, como se constata nesta referência ao *Lino Selvaje* ou *Mbocayi*:

⁸ Também na obra *Doctrina Moderna para los Sangradores* de Ricardo Le Preux, de 1717, a observação e a experiência são exaltadas como procedimentos a serem adotados: “Si en este Tratado me he desviado en algo de las opiniones de los antiguos, no ha sido por falta de la veneración, que se debe a tan grandes varones, sino por no apartarme de la verdad. Con el tiempo se han descubierto muchas cosas, que los antiguos ignoraban, y no es de admirar, porque en las Ciencias, y en las Artes, que consisten en observaciones, y experiencias, se pueden hacer cada día nuevos descubrimientos [...]” (LE PREUX, 1717: 37)

⁹ Estas informações foram extraídas de SANTOS FILHO, Lyncurgo de Castro. *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

La raíz del Mbocayi echa cosim.¹⁰ una onza de ella o media de sus cortezas en tres quartillos de agua y que (ilegível)ga hasta mermar, el uno tiene virtud especial contra las fiebres malignas tomando de su cosim.to en ayunas ocho onzas con dos de mieles de abejas o xarave de limon o sidra, y assi mismo es remedio alas fiebres putridas, y las mordeduras de vivoras y animalejos [...]. (MONTENEGRO SJ, [1710], 1790: 198)

Cabe, no entanto, ressaltar que apesar dos avanços significativos – decorrentes da experimentação – observáveis no conhecimento médico do setecentos, muitos dos procedimentos terapêuticos se mantinham ainda atrelados às recomendações feitas pelos religiosos e a medicamentos e práticas de caráter mágico-ritual. O Tratado escrito pelo jesuíta Montenegro parece refletir bem isto, ao exaltar a intervenção divina nas curas, como se pode constatar em duas passagens do prólogo. A primeira em que afirma que “*Tiene se por cosa sierta assi entre los autores Griegos como entre los latinos que el imbentor dela medicina fue solo Dios immortal y sierto va fundada en rason la tal aberiguacion*”, e a segunda, em que atribui a cura a Deus, “[...] *aquel Sumo Architecto fabricante de cielos e tierra*” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: Prólogo).

Outra forma de Montenegro exaltar este aspecto se dá através da descrição que faz das qualidades das plantas encontradas nas regiões que circundavam as reduções, como fez falando do *araçay*, usado para combater as *camaras de sangre*: “*Pusso la Divina Providencia en estas tierras tan pobres de médicos y boticas, y la cria en tanta abundancia que hombres e animales se valen de ella para sustento y medicina [...]*” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 44)

Esta associação entre as plantas e o Evangelho se aproxima daquilo que ficou conhecido como “ervanária dos sinais” – que remontaria ao Renascimento e teria origem em antigas teorias herméticas – na qual, “dada a existência de Deus, as plantas curativas são portadoras de marcas que indicam aos homens suas virtudes terapêuticas. Assim, a noz, cuja forma evoca o cérebro humano, serve para o tratamento de perturbações mentais, e as plantas aveludadas, ou com caules ou raízes com aspecto peludo, são boas contra a queda de cabelo...” (LE GOFF, 1984: 353)

O que verificamos na obra de Montenegro é um processo diferente, já que em nenhum momento o formato da planta, folhas ou flores é associado a uma terapêutica que guarda semelhança com alguma parte do corpo. O que se vê, são plantas que, por lembrarem determinada passagem do Evangelho, teriam em si um toque divino. Como se pode constatar no processo de floração da *azucena silvestre americana*:

[...] son barias, encolor sus flores unas blancas otras coloradas o encarnadas otras jaspeadas de Blanco y encarnado y enfin otras diciplinadas como salpicadas de sangre todas ellas menos las encarnadas echan ojas dedos endos y anoho, y tres quartas y media de largo con un talo grueso y alto de abana en sima del qual en sierto surrancillo largo y puntiagudo se ensierran sinco Azucenas, el qual abierto se ba cada una de ellas abriendo p.^r sucesion su flor a modo de embudo cada una compuesta de sinco ojas, todo ello misteriojo, assi como la verdadera Azucena olivio blanco, como representacion de las llagas de Nro. Redemptor que parece que quiere recordarnos esta planta todos los años al salir su flor la memoria de las llagas y sangre de nn.â Redempcion [...]. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 130)

Ao referir-se a um bálsamo feito com a planta chamada *Nardo*, Montenegro não apenas associa-o a um uso milenar, pois “[...] si mal no me engano es aquel de los antiguos conq.^e ungian los cuerpos muertos [...]”, como vincula-o também à própria história do Cristianismo, pois “[...] el que la Magdalena deramó a los pies de Christo que segun grandes autores afirman es este nno. nardo, sino que con el tiempo se perdio la noticia de su composission [...]” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 128).

A presença de procedimentos mágico-curativos pode ser constatada na menção feita por Montenegro ao *pão porcino*, empregado no combate ao veneno das serpentes, para purgar a fleuma ou baixar a menstruação: “*Proboca el mestruo a ora se beba o se apliq.^e a la natura dela muger atada su rais al muslo izquierdo dicen acelera el parto*” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 123). Curiosa é a observação de que não era necessária sequer a ingestão da planta para que essa provocasse o efeito esperado, desde que a raiz fosse amarrada na coxa esquerda. O jesuíta não deixa, contudo, de advertir quanto à inadequação do consumo da planta por mulheres grávidas, pois ela poderia provocar o parto prematuro ou mesmo o aborto. Neste sentido, vale resgatar o registro feito por Montenegro sobre a aplicação do *tabaco* nos partos:

La raíz del cox(r)o mascando decha un pedacito cano una pulpada de ancho la muger que no puede echar la criatura muerta o biva o las pares, tragando el sumo de ella echa luego todo lo tenido sino es que este tan atravesada la criatura que no pueda salir sin que la revuelvan, y esto hace con mayor eficacia y prestesa si la partera masca otro pedaso de rais y con aq.^ella saliva le da unción en los y jares y quadriles ala paciente al mismo tpô. q.^e ella traga la saliva de la rais que ella masco poniendola enpie para q.^e salga la criatura. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 188)

A ajuda prestada pela parteira¹⁰, mascando tabaco e ungiendo os quadris da parturiente com saliva, revela não apenas a manutenção de práticas largamente adotadas pelos indígenas – mesmo antes de serem reunidos nas reduções jesuíticas¹¹ –, como a presença e o papel que as mulheres desempenhariam nas enfermarias e nos hospitais nelas instalados.¹²

Ao descrever o modo de preparo de uma infusão de *rosa mosqueta* – eficiente para limpar o sangue, purgar a cólera e a melancolia – Montenegro ensina que deveriam ser fervidas duas onças da flor em uma vasilha de prata – ou vidrada – e um quartilho de água, após o que deveriam ser misturados. Vale ressaltar a menção feita ao uso de uma vasilha de prata – recomendação recorrente em diversas fórmulas – como também ao tempo de fervura, o tempo de uma *Ave Maria*.¹³

A utilização de amuletos também é mencionada, com destaque para a pedra bezoar, uma concreção encontrada no estômago de cabras persas, alvo de freqüentes falsificações

¹⁰ De acordo com Graciela Chamorro, “*las parteras ayudan con palabras de ánimo, masajes, unciones, infusiones y té a base de ysĩ y yvyhĩ, ‘planta que machacada se torna gomosa y resbaladiza’, atributos que supuestamente facilitan el parto.*” (CHAMORRO, 2009: 266).

¹¹ Ainda segundo Chamorro, “*las parteras indígenas aún son reconocidas por su habilidad en reencajar la criatura en los últimos días del embarazo, haciendo que el o la bebé nazca “de cabeza” y no “de pie”. Cuentan las mujeres kaiová que en esos casos se necesitaba la ayuda de tres ‘parteras’ o machu. Las sexagenarias recuerdan que cuando la parturiente tenía criaturas ya mayores generalmente el trabajo de parto se hacía en una casita separada, construída para ese fin y proveída de fuego. Uno de los cantos que evocaba a “Nuestra Madre” en la hora de crisis dice: Isy ramí ave kuri, tojeaso ave kuri, jeoaku rusu araka’e, ‘Que se descubra la que será madre; como otrora, sobreviene el gran tiempo de resguardo.*” (CHAMORRO, 2009: 267)

¹² Na Carta Ânua da Província Jesuítica do Paraguai, de 1635-1637, encontramos referências às enfermarias que eram instaladas nas reduções e nos colégios durante as epidemias e ao atendimento prestado aos enfermos tanto pelas índias doentes – que ficavam encarregadas de varrer as salas dos colégios e da limpeza dos instrumentos de cirurgia –, quanto por aquelas que integram congregações e irmandades nas reduções.

¹³ Também na *Doctrina Moderna para los Sangradores* – ao ensinar o que deve ser feito durante a aplicação de ventosas – Le Preux refere a utilização de uma medida de tempo baseada em orações: “*la aplicarè al instante, apretandola medianamente, è igualmente contra la carne; de fuerte, que pegue bien, lo qual se conocerà, apagandose las candelillas, y levantandose la carne, que será muy breve tiempo, tardare en quitarla como cosa de un Credo, ò dos Ave-Marias, aviendo de sarjarse, para que no se quaxe la sangre.*” (LE PREUX, 1717: 98)

11

devido à demanda.¹⁴ Na obra de Montenegro, são citadas ao menos duas receitas que utilizam a dita concreção. Numa delas, a pedra seria utilizada contra as “*virguelas*”, juntamente com quatro folhas de *calamita menor* e duas onças de açúcar, o que provocaria suores nos pacientes, razões pela qual recomendava que fossem guardados do vento. Na outra receita, Montenegro faz menção ao seu uso combinado com folhas da *sextula maior*: “*I si sele echan unas dos ojas de boraja y piedra bezar es mas sudorifica y mitiga los dolores internos assi del ventrículo como del higado*” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 142).

Partes do corpo humano ou de determinados animais eram recurso terapêutico amplamente utilizado pela sociedade europeia no Setecentos, assim como fezes, urina e saliva entre outros.¹⁵ A obra *Matéria Medica Missioneira* nos traz ainda uma curiosa receita que prevê o uso de uma cabeça de carneiro:

Tomarás una cabeza de carnero biejo quitando el cuerpo por la acocer en una olla que tenga quatro asumbres de agua y em estando a medio cocer leiras echando las yerbas següientes; mansanilla, eneldo, y ruda de cada uno un puñado cuesan medio quarto de hora y al cabo del ponle toracañ quatro onsas bledos flancos, parietaria mercuriales, malvas, raices de borrajas y de achícorias y de esparragos un puñado de cada una (ã) fiecho labado dos puñados cuesan hasta que la carne de la cabeza se despegue de los guesos y si fuere tan dura que apuer mas de mitad del agua le podras añadir de otra agua caliente de suerte q.e quedandos (ilegível) cosim.to del qual se achan ayudas añadiendo a cada una una onsa de aceite ocaracu mini tomance de mañana o por la tarde como mejor se hallase el paciente cada dia una. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 143)

A influência da astrologia também se faz presente na obra do jesuíta, revelando a crença na ação exercida pelos astros nas plantações e no clima, e, principalmente, sobre o corpo humano.¹⁶ O irmão. Montenegro, por reiteradas vezes, recomenda que algumas plantas

¹⁴ A cor da pedra bezoar podia variar, indo do negro ao branco, passando pelas pardas e pelas mescladas. Formadas por camadas de lâminas calcárias superpostas, creditava-se a elas o poder de opor-se aos envenenamentos, sendo apreciadas e utilizadas em várias partes do mundo pela virtude maravilhosa de atuar como contraveneno universal. (ALMEIDA, 2009: 112-113)

¹⁵ Evidenciando que estes recursos eram largamente empregados pelos médicos no período, encontramos a seguinte passagem – numa receita para dores de dentes – na já referida obra *Doctrina Moderna para los sangradores*, de Le Preux, na qual ele recomenda o uso de “*unos pegadillos de incienso molido, y leche de muger, y otros detrás de las orejas: ò unos parchecitos de emplasto divino [...]*” (LE PREUX, 1717:154)

¹⁶ Keith Thomas, ao referir-se à Inglaterra do início do século XVI esclarece que “Era geralmente aceito que os quatro elementos que constituíam a região sublunar- terra, ar, fogo e água- eram mantidos no seu estado de incessante permuta pelo movimento dos corpos celestiais. Os vários planetas transmitiam diferentes quantidades

12

fossem colhidas em determinado mês do ano ou fase da lua, como se constata em relação ao *sangre de draco*: “[...] y assi para sacar la sangre de drago es nessesario q.^e es la cresiente de luna alo ultimo de ela hagan talla al arbol en el mes de Julio o Agosto poniendo un mate o calabaso p.^a q.^e la recoja arimado ala ficion del arbol q.^e lada en abundancia [...]” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 37). Uma planta, em especial – chamada *Guembe* –, indicada para neutralizar venenos e contra os males decorrentes de “*comida assentada no estômago*”, mereceu a atenção do jesuíta, que descreveu a influência que os planetas exerciam sobre ela:

Dicho remedio aranca el abito asentado en el estomago echando la por abajo o por bomito medio quarto de ora despues de tomado es aprobado remedio. esta planta se conoce ser procreada del planeta sol, pues todas as partas lo estan disiendo como se be q.e en partes algo frias (ilegível) fructifica por ser poco ayudada y fortalecida del. tiene grandes influencias de Marte por que es enemiga a los colericos. y atrae mucho dela Tierra con sus raises p.r lo mucho que ella recibe dela luna y p.r esso es tan benenojo cogida en creciente de luna. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 81)

O grande número de receitas para curar doenças de estômago – em especial, as *camaras de sangre* – ou para neutralizar venenos de cobras que encontramos na *Matéria Médica Missioneira* parece apontar para a sua grande incidência nas reduções. Quanto às doenças de estômago, Montenegro não deixa de atribuí-las aos novos hábitos alimentares introduzidos pelos missionários, em especial, ao consumo de carne vermelha¹⁷, que tornaria os indígenas excessivamente *sanguíneos*, em função do desequilíbrio dos humores: “[...] cura assi mismo el flujo epatico del higado, que es quando con fiebre ardiente ay cámaras de más sangre que escremento enfermedad mui ordinaria en estas tierras de las misiones en los Indios p.^r ser mui sanguíneos [...]” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 127). Dentre as

das quatro qualidades fisiológicas de calor e frio, securo e umidade. Na interação resultante estava compreendida toda a mudança física. [...] A astrologia era assim menos uma disciplina separada que um aspecto de uma imagem do mundo aceita por todos. Ela era necessária para o entendimento da fisiologia e, portanto, da medicina.” (THOMAS, 1991: 238) No século XVIII, muito dessa visão já havia se perdido, mas os aspectos acima citados por Thomas, sobre os elementos da região sublunar e as qualidades fisiológicas, se faziam presentes na concepção teórica mais aceita de medicina. Os astros e especialmente a lua continuavam determinando o momento certo para se plantar ou colher.

¹⁷ Na última década do século XVII, o missionário jesuíta Antônio Sepp já havia feito referência a este aspecto, ao atribuir a disenteria “a la voracidad con que consumían la carne semicruda, estas se pudren en el estómago y donde hay carne corrompida existen las lombrices y al aumentarse estas el estómago no retiene nada más, lo que produce la desinteria sangrienta [...] la parasitosis reducía las expectativas de vida de los indígenas a no más de cincuenta años.” (SEPP Apud ECHENIQUE e FERREIRA, 1985: 254)

13

plantas indicadas para combater os problemas estomacais, Montenegro destaca o *curiy*, o *arrayan Blanco* e a *Guayab° Campesina*.

A busca por contravenenos fica atestada no grande número de plantas indicadas para tal fim, tais como o *póleo*, a *coniza*, a *acetosa menor* e a *erva do charrua*, cujas propriedades já haviam sido descritas, segundo Montenegro, pelo padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, ainda na primeira metade do século XVII¹⁸:

[...] es mui conocida delos Indios desde su infidelidad pues escribe de ella el (símbolo desconhecido) Montoya de donde e sacado su etimologia que es nombre de un pájaro llamado macaguã, el qual haciendo arnes de mui la pelea con la vivora hasta matarla dando les fuertes (acho postasos) p.^r entre las plumas y sintiendose herido acude a comer dela yerba la qual le sirve de cura y antidoto contra la maliciosa ponsoña de su contrario y buelbe a la pelea si acaso do quiede de todo muerta y al instante se(ilegível)ga entera sin reservar cabeza ni cola con que se (ilegível), y acaba de curar lo interno de sus entrañas dela venenosa qualidad fria de su veneno. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 172)

O Tratado contempla, ainda, algumas receitas curiosas – e até inusitadas – como a para evitar a queda de cabelo – tratada com a *verbena* – e outras para a conservação da beleza e da *virtude genital*, ambas tratadas com a *henula campana*, a *flor da paixão* ou *consuela mayor índica*:

[...] mezclada su rais con la dela consuela mayor índica que aqui doi domi diligencia descubierta machacadas las dos raises de cada una media libra y puesta a cocer en ollanue de varro sin estrenar en quatro quartilhos o sinco de agua y que merme la mitad y lo mejor es quebrantar mui bien estas raices y colado añodirle alumbre de roca una onsa y media caparrosa media onsa y con esto cosim.¹⁰ o compocicion labarce por espacio de ocho dias las meretrices o masuelas q.^e (ilegível) caido en flaqueza de carne antes de ser casadas pueden estar seguras pasan por virgines en los desposorios maiorm.^{1e} si con mecha de algodon o lana

¹⁸ Montoya observou e registrou na “Conquista Espiritual”: “Todas estas cobras são tão venenosas que, picando o pé de alguém, logo façam ao ‘picado’ lançar sangue pelos olhos, narinas, ouvidos, gengivas e unhas, bem como entre os dedos, em tanta quantidade, que num só momento fique desfigurado. Usam os índios muitos remédios e ervas (medicinais), que lá a natureza tem produzido. A pedra de São Paulo é de ajuda comprovada. São também os alhos esmagados ingeridos como bebida, a pedra bezoar e outras ervas (medicinais). Mas o remédio mais caseiro é o fogo, queimando-se com uma faca em brasa a parte ferida pulverizada com enxofre. É conhecido este remédio e, acudindo-se a tempo, gente picada por tais cobras está fora de perigo. [...] tomaram os naturais da terra a lição do uso dessa erva para todo o gênero de remédio contra venenos, tendo-se observado, para além disso, outros bons efeitos contra a dor de cabeça, febres, indigestões estomacais e outras enfermidades.” (MONTOKYA, 1985: 25-27).

bien labada introdugeren el cosim.¹⁰ en la voca dela matris p.^r alguna oras al acostarce afulta de las raices del mburucuya sirven las del dictamo segundo caabera mini que digo que nace por las lomas [...]. (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790: 96)

De acordo com o viajante naturalista e demarcador Felix de Azara, tanto o irmão Montenegro, quanto o padre Segismund Aperger¹⁹ realizaram experiências diárias com todas as plantas que recolheram nas imediações das missões, com a finalidade de definir suas propriedades terapêuticas, instalar herbários e suprir as boticas.²⁰ Coube a este padre jesuíta, acompanhado do irmão Pedro de Montenegro, a organização de importantes catálogos de ervas medicinais e de suas aplicações, constituindo-se, inegavelmente, em pioneiro no registro sobre o uso da farmacopéia nativa²¹, tais como “*la jalapa*²², *la quina*²³, *la coca*, *el bálsamo*²⁴, *la poligala*²⁵, *la zalzaparilla*”²⁶.

¹⁹ O Padre S. Aperger – ou Asperger – era tirolês, “*nacido en la pintoresca ciudad de Innsbruck. La fecha de su nacimiento, según todas las fuentes contemporáneas fue el 20 de octubre de 1687 [...] El joven Segismundo ingresó en la Compañía de Jesús en 9 de octubre de 1705, cuando sólo contaba diez y ocho años de edad.*” (FURLONG, 1947: 84). Ele foi o único jesuíta que “*en 1768 permaneció en tierra argentina después de la expulsión consumada en dichos años [...]*”. (FURLONG, 1947: 91). O Pe. Segismundo Asperger faleceu aos oitenta e cinco anos de idade, em 1772, na redução de Apóstoles. Foi o criador do famoso “*balsamo o elixir de Misiones*”, preparado com “*aguarayva*” (*Schinus terebinthifolius* ou aroeira vermelha) e enviado em grande quantidade para a Europa. Atribui-se a ele também o famoso compêndio *Tratado Breve de Medicina*, que traz, além de descrições sobre as doenças mais freqüentes nas missões jesuíticas, um grande número de procedimentos e de receitas de medicamentos.

²⁰ O médico argentino Pedro Arata faz referência aos herbários de plantas medicinais existentes nas reduções jesuíticas em seu artigo *Los Herbarios de las Misiones de Paraguay*, publicado em 1898, na Revista *La Biblioteca*.

²¹ Os historiadores jesuítas Juan Escandón (1760) e Pierre François-Xavier Charlevoix (1756) ressaltaram a fama de Aperger como médico e botânico, assim como também o fez Felix de Azara (1790), que o descreveu como homem *sapientíssimo*, cujas receitas e diagnósticos tinham mais crédito que as de Hipócrates. Segundo Azara, ele teria sido o primeiro a empregar um bálsamo (*un cúralo-todo muy popular*) à base das folhas da árvore *aguarayva’í* (da família das *Terebintaceas* – aroeira vermelha), que, a cada dois anos, era enviado às boticas dos *pueblos* das missões e à Espanha, sob a denominação de “*bálsamo de las misiones*”.

²² A *mirabilis jalapa* é extraída do tubérculo *Operculina macrocarpa*. A resina – extraída e moída – é, comumente, usada como laxativo. A tintura de jalapa é também conhecida como “Aguardente Alemã”, sendo de ampla utilidade na medicina popular. Seu uso é indicado em afecções hepáticas, chagas, cicatrização, cólicas, contusões, escoriações, feridas, herpes e leucorréia.

²³ Da *quina* se extrai o *quinino* que é medicamento antiséptico e anti-térmico usado sob a forma de xarope, pós ou infusão, sendo o mais antigo medicamento usado contra a malária e paludismo. Já era utilizado pelos nativos americanos – “*la corteza peruana*” – e teve seu uso difundido na Europa durante o século XVII, passando a ser comercializado por jesuítas espanhóis.

²⁴ Bálsamo é uma planta que tem a propriedade de aliviar dores musculares, contusões e reumatismo. Basta utilizá-la em forma de pomadas, cataplasmas, óleos ou tinturas. Esta planta também age contra vários problemas de estômago, como gastrite e úlcera. É, ainda, um ótimo cicatrizante, e o sumo presente em suas folhas pode se aplicado diretamente sobre feridas

²⁵ Em fitoterapia, a *poligala* é utilizada como expectorante para tratar asma, bronquite e tosse convulsiva. A raiz exerce uma ação estimulante sobre as mucosas brônquicas, favorecendo a eliminação de expectoração pela tosse e aliviando a dificuldade respiratória.

Este experimentalismo é também registrado por Felix de Azara, que refere o uso de uma espécie de arará – depois de cinco outras tentativas – em uma epidemia de “*cámaras de contagio (...) o fruto comido verde foi o único remédio para as câmaras e com suas folhas foram feitos clisteres*” (AZARA Apud ARATA, 1898: 442). De acordo com o médico Pedro Arata, era prática corrente nas reduções a reprodução destes manuscritos – os tratados de medicina e cirurgia e os receituários –, que circulavam entre as reduções e os colégios das Províncias Jesuíticas na América meridional. Conscientes da importância destes estudos, os jesuítas agregavam uma recomendação muito especial às cópias que produziam e faziam circular: *¡Secreto de los jesuítas!* (ARATA, 1898: 430-431).

Considerações Finais

Nesta comunicação analisamos uma versão manuscrita – de 1790 – do livro escrito originalmente em 1710, pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, intitulado *Materia Medica Misionera*. Além da persistência de saberes mágico-religiosos – que previam rezas e rituais – e dos exóticos ingredientes para as receitas, nesta obra encontramos a inconfundível presença das concepções hipocráticas e galênicas e o crescente empirismo que marca as transformações científicas próprias do século XVIII. Sua análise permitiu, ainda, a reflexão sobre a difusão, a circulação e a produção de conhecimentos farmacológicos e médicos na primeira metade do século XVIII, no âmbito das reduções e dos colégios instalados na ampla região circunscrita à Província Jesuítica do Paraguai, na América meridional.

Vale ressaltar que os missionários jesuítas – conscientes do quanto o controle sobre os corpos dos indígenas era fundamental para o processo de conversão – dedicaram-se, sobretudo no século XVIII, a buscar não apenas “*la salud de las almas con tanto fervor como si se tratara de salvar su propia alma*” (C.A. 1637-1639 In: MAEDER, 1984: 30), mas a, sistematicamente, conhecer e incorporar a farmacopéia indígena, como atestam as obras produzidas pelo irmão Pedro de Montenegro e pelo padre Segismundo Aperger.

Dentre as consequências da expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis em 1767, está a de que “*quedaron los pueblos de misiones sin médicos y cirujanos*”, situação que foi contornada apenas em 1790 com a nomeação pelo Protomedicato de alguns “*médicos*

²⁶ A *salsaparilha* é indicada para retenção urinária, tendo sido também largamente empregada no tratamento da sífilis, por promover a eliminação de toxinas e favorecer o organismo a suportar as altas doses de mercúrio utilizadas no tratamento da doença. Entre suas propriedades, destacam-se as depurativas, diuréticas e sudoríficas.

militares agregados a las partidas de límites” (FURLONG, 1962: 609). Muitos deles, assim como as autoridades civis e os viajantes envolvidos nas expedições oficiais de demarcação de limites, acabaram por reconhecer e registrar o valor inestimável do experimentalismo jesuítico atestado nas boticas e herbários instalados nas reduções e nos colégios da Companhia de Jesus na América meridional.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. *Medicina mestiça: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas*. São Paulo: Annablume, 2009.
- ARATA, Botânica Médica Americana. Los Herbarios de las Misiones del Paraguay. *La Biblioteca*, II: VII, Buenos Aires, 1898.
- AYALA, Geronimo de. *Principios de Cirugia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad*. Valencia: Jayme de Bordazar editor, 1705.
- CHAMORRO, Graciela. *Decir el Cuerpo - Historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní*. 1. ed. Asunción: Tiempo de Historia, Fondec, 2009.
- ECHENIQUE, Nora Inês; Miriam Mirabel FERREIRA, La Medicina en las Reducciones Jesuíticas. V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. *Anais*. Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, ciências e Letras dom Bosco, 1885, p. 251-262.
- FURLONG, Guillermo. *Medicos Argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires. Huarpes, 1947.
- FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.
- GESTEIRA, Heloísa Meireles. A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 71-95, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *As Doenças têm História*. Lisboa: Terramar, 1984.
- LE PREUX, Ricardo. *Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia*. Madrid: Imprenta de Francisco de Yerro, 1717.
- MAEDER, 1984
- MONTENEGRO, Pedro. *Matéria Médica Misionera*. [1710], 1790. Instituto Anchietano de Pesquisas – IAP-UNISINOS, São Leopoldo, RS.
- MONTOYA, Antônio Ruiz. *Conquista Espiritual*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

17

RIBEIRO, Márcia M. *A Ciência dos Trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991.